

A UNIÃO DAS CLASSES ARMADAS

Raul Pilla

A UNIÃO das Classes Armadas é condição necessária do funcionamento e da manutenção do regime democrático. É uma afirmação que se ouve a cada passo, e enunciada pelas mais autorizadas vozes. Ainda agora, aproveitando a oportunidade da Páscoa, o ilustre general Floriano Peixoto Keller fez em favor da pacificação um apelo, que parece não ter ficado sem eco no espírito do sr. ministro da Guerra: acima das divergências de opinião, os militares devem lembrar-se do juramento que prestaram, prometendo defender a Pátria e as Instituições.

Como se deve entender a união preconizada? Eis a questão. Nas democracias mais adiantadas, faz-se naturalmente a união dos militares por seu completo alheamento da vida política e exclusiva dedicação aos deveres profissionais. Em França, chama-se o Exército «o grande mudo». Verdade é que agora, a propósito da ardente questão argelina, o grande mudo parece estar resmungando... Ainda assim, a verdade fundamental é que as Classes Armadas permanecem indivisas, onde quer que o regime democrático funcione satisfatoriamente. É que, então, vem a faltar motivos para a divisão; haverá, quando muito, divergências na maneira de encarar os problemas técnicos.

Outro género de união seria o geral acordo para impor ao país a própria vontade. Esta união é precária de sua natureza: basta que os militares penetrem, como tais, no campo da política, para que surjam inevitavelmente as divergências. É claro que onde a democracia funciona mal, ou não funciona, ali se encontram as condições, não para a unidade das Classes Armadas, mas para o caudilhismo militar, que fundamentalmente as divide.

Um único é, portanto, o caminho da unidade: o da verdadeira democracia. Quando a Nação decide livre e conscientemente os seus destinos, vem a faltar à intervenção militar, não só todo fundamento moral, mas até o mais simples pretexto.

O caminho da unidade das Classes Armadas é — repito-o — o da verdadeira democracia. Porque esta não existe ou precariamente existe na América Latina, é que frequentemente se verificam intervenções armadas e lutas intestinas.

Contudo, é ainda no seio das Classes Armadas que se encontram resistências à grande reforma política, que lhes viria dar a tranqüillidade necessária ao desempenho da sua alta missão.

Em grande parte, por causa dos preconceitos que, segundo ainda ontem me relatava um distinto colega, disseminou entre os camaradas brasileiros a missão militar francesa do general Gamelin; em menor parte, pelo gosto do caudilhismo militar, que o presidencialismo favorece. É realmente uma grande tentação a de poder decidir, por um gesto da sua espada, os destinos do país. Mas esta tentação se expia pela incerteza, pela intranqüillidade, pela insegurança, maiores para os militares, que para os civis.